

PERFORMANCE E QUADRILHA JUNINA: *uma relação entre Richard Schechner e quadrilhas juninas da Paraíba*

PERFORMANCE E QUADRILHA JUNINA:

uma relação entre Richard Schechner e Quadrilhas juninas da Paraíba

PERFORMANCE AND JUNE DANCE:

a relationship between Richard Schechner and june dance of Paraíba

Adailson Costa dos Santos

adailson_costa15@hotmail.com

Bacharel em teatro pela UFPB, licenciando em teatro também pela UFPB
e Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal da Paraíba.

Resumo:

A quadrilha junina do Nordeste, principalmente aquela do estado da Paraíba, há muito vem fortalecendo-se como uma manifestação cultural de renome nacional. Partindo dessa premissa, o presente artigo tem como objetivo reunir as concepções do antropólogo Richard Schechner com as visões de um quadrilheiro de dentro da “tribo” de uma quadrilha da Paraíba, a partir da união das propostas de etapas de uma performance com as etapas de construção e desmonte de um espetáculo de quadrilhas juninas. Tendo como foco a quadrilha junina Explosão Nordestina Produções Artísticas, do município de Santa Rita/PB, esta pesquisa utiliza-se das experiências do autor, tanto em sua imersão de vida nas quadrilhas juninas, como também nos estudos empreendidos no em Performances Culturais e no campo da Performance

Palavras-chave: Quadrilhas Juninas. Schechner. Performance. Explosão Nordestina.

Abstract:

The june dance of the northeast, especially that of the state of Paraíba, has long been strengthening itself as a nationally renowned cultural manifestation. Based on this premise, this article aims to gather the views of the anthropologist Richard Schechner with the visions of a dance from within the "tribe" of a Paraíba group, from the union of the proposed stages of a performance with the stages of construction and dismantling of a spectacle of june groups. With the focus on the june dance group Explosão Nordestina Produções Artísticas, in the municipality of Santa Rita / PB, this research uses the experiences of the author, both in his life immersion in the june dance, as well as in studies carried out in Cultural Performances and in performance field.

Keywords: June dance. Schechner. Performance. Explosão Nordestina.

Muitas coisas são marcadas em ciclo de cinco. O número cinco, tal como é, não se encontra no centro da discussão *mística* numérica, dando este espaço para o número sete, sendo este o conhecido número da perfeição. Em nosso cotidiano, muitas coisas são organizadas em cinco momentos, seguindo quase sempre uma lógica cíclica que podemos remeter ao ciclo da vida (nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento e morte).

São cinco os elementos de análise dramatista de Kenneth Burke (ato, agência, cena, propósito e agente); são cinco os passos de organização dos jogos de Viola Spolin (apresenta o propósito, estabelece o jogo, conduz a atenção, improvisa e avalia); são cinco as grandes eras da humanidade (Pré-história, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea), assim como, também, em cinco partes está dividida a primeira delas — tão importante para o surgimento do homem (Paleolítico, Neolítico, Idade do Cobre, Idade do Metal e Idade do Ferro). Além disso, são cinco os dias úteis da semana, da mesma forma que o quinto Chakra, o Plexo Solar, é talvez o mais importante, somente para citar alguns exemplos de uso do número cinco.

Para esta pesquisa, trabalharei com o que eu denominei, me apropriando dos gráficos apresentados no texto *Performers e Espectadores: Transportados e Transformados*, de Richard Schechner (2011), de cinco momentos da performance: *preparação*, *aquecimento*, *performance*, *esfriamento* e *tomar um drink*. Entendo *preparação* como todo o momento anterior à performance, ou seja, todos os preparativos (reuniões, organizações e confabulações) que acontecem a passos lentos durante o ano que a antecede. Já o momento do *aquecimento* refere-se à organização *real* da performance — nesses três meses em que todos estão voltados para o preparativo efetivo dos elementos da performance ainda acontecem reuniões para a organização, mas agora os resultados precisam ser imediatos.

O terceiro momento é o da *performance* em si, que não se limita, porém, ao dia da apresentação, pois, nas performances que duram vários dias, o espaço que compreende a primeira e a última exposições está categorizado como o *momento* da performance. No caso do *esfriamento*, trata-se do período, logo após a performance, em que a energia voltada para ela já não é tão presente, no qual as reuniões se tornam avaliações, e onde as apresentações já não têm a mesma energia e quantidade de participantes. E, finalmente, o quinto momento, o *tomar um drink*, corresponde àquele espaço de tempo que sucede a apresentação, onde os participantes iniciam um processo de distanciamento e desprendimento sentimental em relação à performance, propício para se comentar, criticar e se discutir o que foi feito e, conseqüentemente, onde acaba acontecendo o processo de avaliação. Este momento, aliás, encontra-se hibridizado com o momento da preparação, considerando-se que não há uma separação rígida entre os dois — eles acontecem em algum momento entre um e outro, e talvez nunca estejam desprendidos um do outro, pois se avalia um ano para se criar o outro.

A respeito da definição de Schechner (2011, p. 162) sobre performance de transporte, pode-se afirmar que esta compreende

[os] eventos em que os performers são “transformações” modificadas e aqueles em que os performers são levados de volta aos seus lugares de origem, “transporte”- porque durante a performance os performers “são levados a algum lugar”, mas no final, geralmente ajudados por outros, eles são “desaquecidos” e reentram na vida cotidiana no mesmo ponto em que saíram.

Com base nesse conceito de performance de transporte, e nos cinco pontos do percurso de uma performance anteriormente aludidos, estabeleço, a seguir, um paralelo com a realidade de uma Quadrilha Junina. Ao apresentar o relato de sua prática para demonstrar o *passo-a-passo* da performance, seu estado de transporte e suas transformações, nos dispomos, assim, a propor a visualização da Quadrilha Junina como uma performance de transporte com elementos de transformação. Para este relato, utilizarei meu contato com a Quadrilha Junina Explosão Nordestina, de Santa Rita/PB, no período compreendido entre 2009 e 2012, em que atuei como seu componente e como membro de sua direção.

Preparação

Tudo tem início em determinado momento do ano, no qual algum elemento desconhecido acende uma faísca de curiosidade em algum integrante da direção da quadrilha. Eis que dessa chama, que pode ser múltipla e manifestar-se em vários integrantes, surge o tema a ser trabalhado este ano, como tema ou enredo da apresentação. Porém, tal como uma faísca, este tema surge e se dissipa para surgir mais à frente, de acordo com as condições que a mente lhe proporcionar. Desse modo, o retorno da faísca vai depender do empenho dedicado ao estudo do tema, ou, pelo menos (e como acontece em quase todos os momentos), da criação de um título para o tema, ou de uma linha de possibilidades.

Este processo acontece no ano que precede a apresentação, ou seja, as quadrilhas acabaram suas apresentações em julho, e, em algum momento entre agosto e dezembro, se espera que esta faísca surja. Em alguns casos ela já surgiu anteriormente, e já é quase uma fogueira. Essa fogueira, contudo, vai ter de ser controlada pelos que irão estudar o tema da quadrilha, pois precisaremos colocar este tema em alguns *padrões* e organizações.

No momento em que surge, o tema vem com todas as possibilidades de roteiro — desde uma ponte que atravesse o Rio São Francisco, até uma corrente que amarre todos os componentes da quadrilha. Nas reuniões de organização, exclusivas para a direção da quadrilha, onde as possibilidades cênico-musicais vão se organizando, serão propostas, normalmente por quem sugeriu o tema, músicas e encenações para determinado contexto do enredo, e, juntamente com a organização, estes elementos vão ser modificados, excluídos, ampliados ou guardados para outra ocasião.

Com mais algumas definições surge o processo, e, neste ponto, pode ser percebido um assumido tom de fofoca na propagação do tema, sem o ainda apresentar, para que as quadrilhas *rivais* e os componentes da quadrilha possam ver que algo está sendo estruturado. Normalmente, essa propagação é feita por uma estratégia de toda a direção, como, por exemplo, todos mudarmos nossas fotografias em uma rede social para fotos de espelhos e, de modo contíguo, a página oficial da quadrilha anunciar que o tema deste ano é *espelho*.

Automaticamente, os participantes da quadrilha irão modificar suas fotografias para algo parecido, e este fato é quase como o vestir de uma armadura para a guerra, pois você se coloca de um dos lados da *batalha*. Começará, então, com estes *soldados*, a disseminação do tema espelho. A direção serve como termômetro, mas, ao mesmo tempo, representa aqueles que conduzem os *jovens que serão iniciados* na prática deste cortejar de outros bailarinos. Sim, porque dizer que uma quadrilha tem sua temática definida atrai olhares de diversos lugares, pois acredita-se que quem começa primeiro estará pronto antes e, portanto, mais preparado. Pura ilusão.

A divulgação do tema também é um processo de preparação, e a escolha do título é um processo de preparação dentro da preparação, pois, neste momento, a direção escolhe como agir para conseguir mais *fiéis* e atrair a atenção. A divulgação de que o tema é espelho atrai a atenção, porém, o tema, no fim das contas, é sobre o Rio São Francisco e o espelho é apenas um elemento, estabelecendo-se como *Espelho D'água: os festejos de São João às margens do Velho Chico*. Nesse momento, acontece a reunião dos integrantes da quadrilha com a direção para a divulgação do tema.



Figura 1 – Reunião para apresentação do tema

Fonte: Acervo do Grupo Explosão Nordestina Produções Artísticas

Aquecimento

Basicamente, esta fase pode ser dividida em duas fases menores: a primeira é o *pré-aquecimento*, que acontece até janeiro, e o *aquecimento* propriamente dito, que acontece a partir deste mês.

O processo de pré-aquecimento começa, ainda, no processo de preparação, pois, após a divulgação e a propagação do tema, dá-se início aos ensaios, porém, apenas se estruturando o que vai ser realmente apresentado. Muito se fala nas quadrilhas sobre o fato de que *é no mês de janeiro que começam os ensaios de verdade*, apesar dos ensaios já acontecerem desde meados de outubro/novembro, porque, de fato, muitos aguardam o mês de janeiro, passadas as festas e gastos do final de ano, para se filiar a uma quadrilha. Nesse ínterim, contudo, já vêm sendo registradas diversas *guerras* e *baixas* por parte dos *soldados*, tendo em vista o anúncio dos temas, ou de suas propostas, por parte de outras quadrilhas.

Nesse contexto, as redes sociais também fazem parte das estratégias de aquecimento e incentivo dos componentes, em publicações que ressaltam eventos excepcionais (mesmo que

falsos) dos ensaios, elogiam os componentes e anunciam a chegada de novos participantes ou, ainda, se mostram abertas à participação, o que acaba esquentando os componentes para o momento da performance.

Outro elemento importante, nessa fase de aquecimento, é a apresentação da estrutura físico-artística da quadrilha e do espetáculo. Nesta etapa, é de fundamental importância apresentar uma camisa, para que os componentes venham ao ensaio sempre com ela, demonstrando, assim, sua armadura e a qual lado da *guerra* pertencem. Outro fator determinante deste processo é a apresentação dos músicos da quadrilha, pois em um estado como o da Paraíba, que é repleto de quadrilhas, é de suma importância mostrar que se conseguiu montar sua banda, mais conhecida como trio e/ou regional¹ A importância maior desta criação é saber que a quadrilha já possui um sanfoneiro, e que, portanto, já está *definitivamente* preparada para o São João.

Na segunda fase, o aquecimento acontece com a apresentação das vestimentas, as *armaduras* oficiais, feitas antes das festas de final de ano, ainda em dezembro. Esta apresentação tende a ser feita nesta fase, contudo, há casos em que não existia nada a ser apresentado e este momento foi *abafado*. Neste momento, apresenta-se ou o desenho do figurino ou um figurino pronto, dependendo apenas da disponibilidade financeira de algum componente que se proponha a comprar material para mostrar o figurino antes.

Aqui surgem, também, os primeiros vídeos e fotografias de ensaios. Nesta fase, acontece o *boom* dos componentes, ou referente à sua chegada ou à sua saída em massa. Um fato que determina o sentido do fluxo destes componentes, além dos já ocorridos nas duas primeiras fases, aconteceu ainda na quarta e na quinta fases dos anos anteriores, mas isso será explicada mais à frente.

¹ Apesar do termo trio estar mais frequentemente associado, na cultura popular, àquele formado por zabumba, triângulo/agogô e sanfona, atualmente, nas quadrilhas, a presença de instrumentos de sopro, metais, bateria, guitarra, violão e violinha é comum e, nesse caso, dá-se a este conjunto de músicos o nome de regional



Figura 2 –Banner de divulgação da fase de ensaio

Fonte: Acervo do Grupo Explosão Nordestina Produções Artísticas



Figura 3 – Figurino de “saída” e Figurino oficial

Fonte: Fotos gentilmente cedidas do acervo da brincante Jessica Constantino

O último elemento deste aquecimento são as chamadas *saídas*, que são as apresentações que são feitas em meados dos meses de abril e de maio em espaço abertos, com público, ou em festas promovidas por outras quadrilhas, denominadas de *encontros*. Este momento poderia

fazer parte da terceira fase da performance, porém, aqui, por conta de uma opção pessoal, utilizei um *ritual de passagem* para criar a diferenciação — a entrega e utilização do figurino oficial. Assim, as *saídas*, nessa primeira micro fase, acontecem com roupas improvisadas e/ou construídas para estas apresentações, ou com junções de figurinos antigos.

Neste momento, acontece o aquecimento do público e das torcidas. Quadrilhas que já possuem suas torcidas organizadas utilizam estas apresentações para incentivar as comemorações e, também, para ampliar a *guerra*. Além das torcidas, as quadrilhas utilizam este momento para esquentar o público, que já consegue entender que os festejos juninos estão se aproximando. Este também é o período de testes das coreografias e amarrações, sendo neste espaço que a quadrilha testa seus elementos e componentes.

Neste momento, os quadrilheiros² costumam se reunir para assistir e avaliar as concorrentes, com o intuito de modificar, ou não, a força dos seus espetáculos. Neste ínterim, algumas quadrilhas chegam a preparar espetáculos completos somente para estas *saídas*, para que os concorrentes vejam algo que está, propositadamente, abaixo da qualidade do espetáculo final. Aqui encontra-se o que Clifford Geertz (2008, p. 5) chamou de estar entre as piscadelas e o tique-nervoso.

Embora não retratável, a diferença entre o tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com o código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros [...] o piscador executou duas ações — contrair a pálpebra e piscar — enquanto que o que tem um tique nervoso apenas executou uma — contraiu a pálpebra. Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. E tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura e — voilà — um gesto.

O ato performático da quadrilha que apresenta uma coreografia que não será necessariamente a oficial, para não *entregar o peixe* aos rivais, é esta piscadela. É uma parceria entre a quadrilha, como instituição, e seus componentes, como filiados a ela, pois o segredo não é revelado para que a surpresa (e com ela a vitória) seja descoberta apenas no final.

² Denominação dada, usualmente, aos artistas de quadrilha. Esta denominação, contudo, é combatida por alguns profissionais, que não se intitulam quadrilheiros, justamente, por trabalharem com cultura o ano todo. Em algumas instâncias, portanto, o termo quadrilheiro pode ser usado pejorativamente, para dizer que alguém *só aparece na época das quadrilhas*, ficando inerte como artista no restante do ano.

Performance

O rito de passagem necessário para a transformação do período de aquecimento em performance, como já falei anteriormente, é a primeira apresentação com o figurino oficial. Esta apresentação é mais um elemento variável, pois às vezes acontece em uma daquelas *saídas* citadas anteriormente, ou em uma exibição pública apenas para apresentação do figurino, ou, até mesmo, no dia do concurso³, sem que tenha havido, anteriormente, um teste destes figurinos. O ato performático da quadrilha acontece, portanto, desde esta sua primeira apresentação até o final do Ciclo Junino, compreendido até o dia de São Pedro.⁴ Neste momento, acontece o estado da performance e os participantes estão completamente envolvidos na realização desta — todos os elementos estão concluídos e a quadrilha já quase não ensaia (apenas apresenta), e, a depender de sua importância, participa de concursos.

³ A utilização do termo concurso refere-se, nesse caso, aos diversos festivais competitivos de quadrilha junina. No linguajar das quadrilhas, utiliza-se o termo no geral, podendo, algumas vezes, vir acompanhado da descrição do local onde vai acontecer o concurso — Concurso de Sapé ou Concurso de Santa Rita, por exemplo, sendo Sapé e Santa Rita dois municípios paraibanos —, ou da instituição responsável — como é o caso de eventos como o Concurso da Funjope ou o Concurso do SESC, sendo Funjope a Fundação de Cultura de João Pessoa e SESC o Serviços Nacional do Comércio.

⁴ O Ciclo Junino tem seu término marcado pelo Dia de Santa Ana, comemorado no último domingo do mês de julho. Esse período já compreenderá, porém, o que estou chamando de quarto momento da performance.



Figura 4 – Apresentação no Concurso intermunicipal de Quadrilha Juninas de Santa Rita.

Fonte: Acervo do Grupo Explosão Nordestina Produções Artísticas

Este momento pode ser comparado ao transe de um performer no ritual, sem que haja, todavia, a perda de consciência. Em outras palavras, os participantes estão tão voltados para a performance e para a execução desta que se encontram quase em um frenesi *doutrinário* e *dogmático*, onde nada mais interfere no espaço da performance. É comum nesta fase alguns participantes desligarem-se por completo de seus compromissos e obrigações, sejam estes familiares, financeiros ou estudantis. Há relatos de quadrilheiros que passam os três principais meses da performance (maio, junho e julho) utilizando todo o seu salário para bancar as compras da quadrilha, deligando-se completamente de suas obrigações. Eu, por exemplo, não compareci ao ritual de passagem que é a festa de quinze anos da minha irmã, por estar em um ensaio da quadrilha, algo que se firmava em minha mente como um momento ao qual não se podia faltar; daí a ideia de transe doutrinário.



Figura 5 – Apresentação da Rainha do Milho Samara Smith no Concurso das Estrelas⁵.

Fonte: Gentilmente cedida do acervo da brincante Samara Smith

É neste momento da performance que as brigas que começaram na etapa anterior se consolidam, pois os performers estão tão envolvidos emocionalmente e passionadamente com a performance que extrapolam as situações, chegando até às vias de fato da agressão. Este ato é muito combatido pelas organizações das quadrilhas, mas são inúmeras as histórias das *bichas que saíram no tapa*⁶ nas quadrilhas. É comum a participação de homossexuais nas quadrilhas, em sua maioria dançando travestidos de mulheres. As brigas, neste caso, partem do princípio de que a quadrilha junina é um local de *status* e de *glamour* — então, um dos grandes motivos destas brigas são as discussões sobre quem *fecha mais*⁷.

Nestes momentos de briga a noção de indivíduo desaparece, semelhante ao que ocorre nos cultos dionisiacos relatados por Nietzsche (1994) na *Origem da Tragédia*. A noção de indivíduo não mais existe: então, quando um dos participantes briga em algum local, ele é identificado pelo figurino, bandeira ou farda do grupo e, assim, o grupo todo é considerado rival, motivo do grande combate das coordenações em relação a estas brigas. Quando um dos componentes briga, a guerra é declarada contra toda a instituição quadrilha. E, de fato, um dos elementos determinantes desta quebra da individualização é, justamente, o fato de muitas quadrilhas optarem por uma padronização nas suas vestimentas, pois dá-se início a uma rixa entre componentes, e, logo, com todos os componentes vestidos de maneira mais ou menos igual, perde-se a noção de com quem se está brigando, e, por isso, ocorrem os casos de totalização.

Nesta fase também pode ser encontrado um dos elementos de transformação ritualística dos participantes, pois em momentos como esse, como nas competições gregas relatadas por Schechner (2011) no texto supracitado, os participantes entram como iguais e voltam cada um de uma forma diferente, transformados em vencedores e perdedores. Todas as competições têm

⁵ Concurso para escolher os melhores entre as Rainhas do Milho e os casais de noivos das quadrilhas participantes.

⁶ O termo *bicha* é utilizado como sinônimo de homossexual. É comum a existência de muitos homossexuais no âmbito das quadrilhas juninas, sendo que esta participação não é totalidade, existindo muitos heterossexuais que participam — e que também brigam.

⁷ *Fecha mais* é uma expressão utilizada para designar, nesse contexto, aquele indivíduo que possui mais brilho em sua vestimenta, que dança melhor, que roda melhor, como é o caso das rainhas do milho, que têm como elemento de sua apresentação o girar.

está característica de transformação, pois no seu resultado sempre estariam ganhadores e perdedores e na competição *concurso* não podia ser diferente. As Rainhas do Milho ou os Casais de Noivos que possuem uma competição própria passam por este ritual. Torna-se um *status* para a quadrilha ter em seu elenco um dos vencedores deste concurso, ou seja, ocorre um processo diferente daqueles encontrados nas brigas, considerando-se que aconteceu um processo de *mescla* indivíduo/grupo, pois a quadrilha utiliza o prêmio de determinado componente para provar que possui indivíduos em categorias superiores.

Quando Samara Smith⁸, Rainha do Milho da Quadrilha Explosão Nordestina, ganha o terceiro lugar do estado entre as rainhas no Concurso das Estrelas realizado em Campina Grande, em 2013, e Suelen Cavalcanti e Wellington Santos venceram na mesma posição a competição dos noivos, a quadrilha passa a desfrutar do *status* de possuir em seu elenco indivíduos que são, pelo menos de acordo com o resultado de tal concurso, melhores que os demais. Isto torna a quadrilha a detentora do *status* deste indivíduo, ocorrendo o processo que denominei, por falta de uma definição melhor, de *mescla indivíduo/grupo*.



Figura 6 – Casal de Noivos e 2º Melhor Rainha do Milho da Paraíba no ano de 2016, ambos da Explosão Nordestina

Fonte: Gentilmente cedidas do acervo dos artistas.

Desaquecimento

⁸ Pseudônimo usado pelo bailarino Emiliano Lopes, que se traveste de Samara Smith para a apresentação.

O processo de desaquecimento acontece, normalmente, no mês de julho, pois, passados os principais festejos do Ciclo Junino (as festas de São João e de São Pedro), época na qual quase todos os concursos normalmente já foram realizados, o movimento performático vai se dissipando e voltando ao seu estado inicial. Retomando o ponto anterior, o retorno nem sempre é de transporte e sim de transformação, pois a performance acaba com vencedores e perdedores.

Neste momento as quadrilhas sofrem um processo de dissolução, pois muitos precisam *recolher os cacos* do que sobrou do São João — eis o momento, inclusive, de pagar as dívidas. Logo, surgem as primeiras avaliações do que ocorreu no ano atual, assistindo-se, muitas vezes, as apresentações, na tentativa de encontrar o que pode ter ocasionado a vitória e/ou a derrota, surgindo, dessa forma, um processo direto de avaliação.

Nessa fase, é comum a tentativa de reunião dos integrantes da performance, mas como as pessoas desaquecem em tempo diferentes, estas tentativas, conseqüentemente, são muitas vezes frustradas, ou seja, neste momento, de modo frequente, a quadrilha não consegue mais reunir-se para uma apresentação, pois cada um já está retomando seu local de costume. Mesmo no processo de transformação, os vencedores voltam a sua rotina normal e só voltarão a alcançar aquele *status* no ano seguinte, quando retomarem os ensaios.

Portanto, as características assumidas pelos participantes durante o processo da performance, sejam eles vitoriosos, perdedores, componentes ou destaques, não influencia em nada a vida *comum* do performer e, por este motivo, classifico as Quadrilhas Juninas como performance e não como ritual. Todos os participantes voltam para as fábricas, os salões de beleza, as igrejas, os templos e para as salas de aula tal como saíram delas. E, assim, o desaquecimento prevalece sobre os componentes e perdura mais na direção da quadrilha, que, agora, terá que arcar com todas as várias dívidas contraídas no decorrer da performance. Eis que o que ficou de lembrança são fotos, troféus e dívidas.

Tomar um drink (tomar um vinho, uma cerveja, uma cachaça, tomar uma, tomar todas)

Abrasilizando, ou melhor, *nordestinizando*, nesta fase nós vamos nos juntar é para “tomar uma”⁹. Nela são realizadas as celebrações, as reuniões para brindar a união e o trabalho, seja ele qual tenha sido. O performer, independente da categoria assumida, junta-se nestas celebrações para celebrar a vida e a união, tudo regado a muita bebida e comida.

Os rituais presentes nestas comemorações vão desde o simples beber junto, passando pelo reconhecimento da importância do grupo e de participantes específicos, chegando até, em alguns casos, à distribuição de presentes para aqueles que, de alguma forma, marcam o grupo. Nesta fase continua a *fechão*¹⁰ e o *quáquáquá*¹¹ referentes aos campeões e aos figurinos, coreografias, badulaques, maquiagem e tudo o mais, constituindo-se, enfim, como um momento para discutir quem *fechou mais*.¹²

Esta fase também pode ser dividida em duas partes: a primeira acontece próxima à performance e está configurada na descrição acima, e a segunda num momento posterior, que compreende o ano que sucede a performance, quando a direção parte para uma análise mais profunda dos elementos de seu espetáculo, assim como dos elementos do espetáculo de outras quadrilhas. Nesta fase, voltam as reuniões para organização e criação do tema do próximo ano e, também, da busca dos elementos necessários para a realização do mesmo.

Esta fase se confunde com a primeira fase da performance, a *preparação*, pois, como foi dito no início, não existe um momento que delimite o término e o início destas fases. Eis que, depois de algumas reuniões, será escolhido e será propagado nas redes sociais *Quem quiser que conte outra*, referente ao tema apresentado pela quadrilha Explosão Nordestina em 2012, que versava sobre Ariano Suassuna¹³.

Considerações “transitórias”

Normalmente, as conclusões são finais, porém, opto por utilizar o termo transitórias pois acredito que nenhuma consideração é final, dado que este termo evoca em seu sentido in-

⁹ Uma expressão utilizada no Nordeste para dizer que vamos beber.

¹⁰ É um termo utilizado para o ato de aparecer, se mostrar, fazer algo significante.

¹¹ Referência ao momento de falar mal uns dos outros.

¹² Aparecer mais.

¹³ O tema foi mantido, mas o título final foi modificado: *Um baile no reino do Reino sertanejo*.

trínseco o fechamento de idéias, e não acredito que o trabalho de apenas um pesquisador consiga fechar em si as conclusões de um campo. O que foi apresentado aqui são elementos que eu, pesquisador das performances, pude perceber ao falar da minha tribo. Por este motivo, são apenas considerações transitórias.

Os elementos apresentados neste trabalho apresentam conjecturas que podem tornar nosso pensamento sobre a performance das Quadrilhas Juninas um pouco mais aprofundado. Por muito tempo, apenas se pensou a Quadrilha Junina na Paraíba apenas como atração cultural, porém, desde 2011, com o decreto da Lei nº 9.390, de autoria do deputado estadual André Gadelha, o *Maior São João do Mundo*, que acontece em Campina Grande e reúne a principal competição e as principais quadrilhas do Estado, foi considerado patrimônio imaterial da Paraíba.

Um título como esse é de fundamental importância, tanto para os quadrilheiros como para os pesquisadores destas manifestações, pois proporcionam a elas um *status* e um olhar diferenciado, afastando-as, dessa forma, do *amadorismo* e da marginalidade e lhes garantindo um local de participação na sociedade. De acordo com o que definem a Unesco e o IPHAN, em sua página oficial, os Bens Culturais de Natureza Imaterial representam

aquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAM, 1937).

Outro fato importante que a transformação da performance Quadrilhas Juninas em patrimônio imaterial proporciona é a obrigação de manutenção e de preservação, por parte do Estado e da sociedade, desta manifestação.

O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. (IPHAN, 1937).

Por fim, a definição aqui proposta, de que as quadrilhas juninas podem assumir um papel de campo de estudos no campo das performances, é de certa valia, pois possibilita outros pensamentos e discussões que envolvam esta manifestação cultural, tão rica e cheia das varia-

ções, a serem pensadas no campo das performances culturais. A Quadrilha Junina Explosão Nordeste, da qual falo, foi minha tribo durante oito anos (entre 2009 a 2016) e foi com base nesta vivência que pude criar este trabalho, utilizando como base a memória compartilhada com seus performers.

Referências

BRASIL. **Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Novo Código Civil Brasileiro. Legislação Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em 07 mai. 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Lei nº 9.390 de 28 de junho de 2011**. Novo Código Civil Estadual. Legislação estadual. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/28018123/pg-1-diario-oficial-do-estado-da-paraiba-doejb-de-29-06-2011>>. Acesso em 07 mai. 2014.

IPHAM, **Patrimônio Imaterial**. 1937. In: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 22 de Mar. 2015.

NIETZSCHE, Frederico. **A origem da tragédia**. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.

SCHECHNER, Richard. Performers e Espectadores: Transportados e Transformados. **Revista Moringa Artes do Espetáculo**: João Pessoa, n. 1, vol. 2, p. 155-185, 2011.

Artigo submetido em 29/06/2016, e aceito em 23/02/2017.